Construindo a si mesmo como docente de música: recortes da trajetória de um professor transmasculino

Comunicação

GTE 15: Gênero e sexualidade na Educação Musical

Yanaêh Vasconcelos Mota
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
yanaeh.mota@ufrn.br

Resumo: Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa de doutorado que teve como objetivo geral compreender a trajetória de pessoas trans* e travestis para tornarem-se docentes de música. Sob a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, os dados foram produzidos por meio da técnica de entrevista narrativa com duas professoras travestis e um professor transmasculino. O trabalho está fundamentado teoricamente em ideias de Judith Butler sobre performatividade de gênero, sujeição, abjeção, precariedade e heteronormatividade, conceito ampliado por transfeministas a partir da ideia de cisgeneridade. Tais ideias dizem respeito à constituição de sujeitos inteligíveis, a partir de normas de gênero e sexualidade. Neste texto, apresento a análise das entrevistas narrativas realizadas com o professor transmasculino, atuante em um conservatório de música. As experiências narradas pelo professor indicaram uma trajetória pela busca de conhecimento de si mesmo e pela coerência de suas ações pedagógicas a partir de suas próprias identificações. Os resultados evidenciaram que, ao transicionar o gênero, o professor passou a experienciar situações de violência transfóbica no seu ambiente de trabalho. Apesar das transfobias, o professor desenvolve uma resistência não violenta em suas aulas, por meio do repertório e da promoção de debates nas turmas.

Palavras-chave: Transmasculinidade. Docência de Música. Gênero.

Introdução

Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Mota, 2024)[1]

[1] A tese foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

que teve como tema transgeneridade e docência de música. O objetivo geral foi compreender a trajetória de pessoas trans*[2] e travestis para tornarem-se docentes de música.

Conforme trabalhos anteriores (Mota, 2023, 2024; Mota; Del-Ben, 2026), o interesse pelo tema advém das minhas próprias experiências como docente de pessoas trans*, sobretudo em um caso de um alune[3] que me relatou medo em imaginar-se professorie de música, impactando sua participação no curso de licenciatura em música, a sua projeção e desenvolvimento profissional docente.

Este relato (Silva; Mota, 2021) levou-me a profundas reflexões pessoais sobre questões de gênero no âmbito da cisgeneridade, heteronormatividade, transgeneridade e travestilidade. Sendo assim, por meio das experiências compartilhadas com pessoas trans* e travestis, me interessava seguir na carreira acadêmica para evidenciar realidades muitas vezes não percebidas pelo cistema[4].

No entanto, "A dor de ser transgênero no Brasil", como diz Sara Wagner York (2019, p. 113), não é sentida por pessoas cisgêneras, como eu, mas pode ser compreendida a partir de dados estatísticos. O Brasil lidera o *ranking* mundial de homicídios de travestis e pessoas trans*. Essa violência reflete diretamente no baixo nível de escolaridade dessa população: com a média estimada de nove mil estudantes trans* e travestis na educação básica (Nogueira; Araújo, 2025), 56% completaram apenas o ensino fundamental (Benevides; Nogueira, 2019, p. 46) e apenas 0,3% está na universidade (Portela; Feres Júnior, 2021, on-line).

Dados publicados na Pesquisa Nacional sobre o *Bullying* no Ambiente Educacional Brasileiro (Aliança Nacional LGBTI+, 2025), para aquelas/us/es, 93% de estudantes trans* e travestis que estão na escola afirmaram sentir insegurança na instituição de ensino em razão de alguma característica sua e 38% alegaram ter sofrido violências físicas em 2024.

---

[2] Segundo Letícia Nascimento (2021, p. 18), o uso do asterisco "sinaliza a ideia de abarcar uma série de identidades não cisgêneras. De modo particular, as seguintes identidades estão contempladas no termo 'trans*': transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias".

[3] Por ser uma pessoa não binária, a estrutura de linguagem que lhe faz referência será inspirado no "Guia para 'Linguagem Neutra'", elaborado por Ophelia Cassiano (2023).

[4] Este neologismo ("cistema") evidencia a estrutura social calcada em perspectivas exclusivamente cisgêneras e heteronormativas, apresentando a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante (Vergueiro, 2015).

Esses dados refletem a pesquisa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra), em 2024, que destaca que 83% das travestis entrevistadas em um estudo nacional (Antra, 2024) relatam não se sentirem seguras dentro das instituições de ensino, sendo alvo de ataques não só de estudantes, mas também de profissionais da educação. Isso indica que, para muitas travestis (e pessoas trans*), o ambiente educacional representa uma experiência de discriminação.

Transgeneridades e travestilidades na Educação/Música

Segundo Franco e Cicillini (2016, p. 135), a produção acadêmica brasileira sobre as experiências de pessoas trans* e travestis torna-se mais recorrente a partir da segunda metade da primeira década do século XXI, especialmente na área de Educação, apontando as instituições educacionais, sobretudo a escola, como espaços de tensões, exclusões e negociações decorrentes das normas cisheteronormativas e de práticas binárias. No entanto, na área de Música o tema ainda é incipiente, sobretudo na intersecção entre docência e transgeneridade.

Assim, diante da quase inexistência de estudos específicos sobre docência de música e transgeneridade ou travestilidade, no Brasil, minha revisão de literatura voltou-se para a área da Educação. Nessa produção, para além dos aspectos já mencionados, as identidades trans* e travestis são compreendidas como tensionadoras dos princípios cisheteronormativos que estruturam os contextos educacionais, evidenciando a escola como um espaço permeado por disputas e conflitos.

Nesse sentido, diferentes estudos têm se dedicado a compreender as causas e os efeitos da exclusão escolar de pessoas trans* e travestis (Acosta, 2019; Andrade, 2012), bem como as diversas formas de discriminação e violência que atravessam seus cotidianos escolares (Duarte, 2015; Lopes, 2017; Reis; Pinho, 2016; Salvador, 2019; Santos, 2015; Torres, 2012). Paralelamente, parte dessa produção tem focalizado as estratégias de resistência e permanência mobilizadas por essas pessoas nos espaços educacionais (Alexandre, 2017; Andrade, 2012; Barros, 2014; Braga, 2012; Oliveira, 2020). Além disso, observa-se um crescente interesse pelas experiências de docência de pessoas trans* e, especialmente, de travestis na educação básica, abordando os desafios, as negociações e as possibilidades de

atuação profissional desses sujeitos (Franco, 2014; Reidel, 2013; Santos, 2017; Torres, 2010; Torres; Prado, 2014).

Na área de Música, os trabalhos localizados sobre transgeneridade e/ou travestilidades destacam as particularidades das vozes de pessoas trans* (Caldeira, 2021, 2023a, 2023b, 2025; Kienen; Silva, 2020a, 2020b; Menezes; Cruz, 2021; Morais *et al.*, 2022; Smidt, 2019), as performances na MPB (Mattia; Pergher, 2017; Moreira, 2018; Rocha, 2021), os seus processos criativos (D'Alessandro; Falleiros, 2025) e suas experiências em cursos de licenciatura (Ferreira, 2020; Silva; Mota, 2021).

Por sua vez, a literatura internacional da educação musical, produzida majoritariamente em língua inglesa, aponta que a música pode constituir uma importante ferramenta de autoexpressão para pessoas trans* (Nichols, 2013), além de atuar como um dispositivo de fortalecimento de suas identidades de gênero, na medida em que possibilita tensionar e deslocar os "limites do gênero" (Shane, 2020). Ademais, a música pode ser compreendida como parte constitutiva da própria identidade dessas pessoas (Silveira, 2018).

Especificamente sobre a docência de pessoas trans* na música, localizei apenas dois textos, ambos em língua inglesa, que evidenciam as tensões e os desafios relacionados à inserção profissional de uma docente trans* de música. Esses estudos discutem, ainda, o processo de construção do corpo e da voz, bem como as relações estabelecidas no contexto da aula de música (Bartolome, 2016; Bartolome; Standford, 2018).

Quando colocadas em diálogo, essas duas frentes da literatura, da área de Educação e da área de Música, revelam uma tensão. Enquanto os estudos da Música caracterizam-na como um espaço de pertencimento, autoexpressão, fortalecimento identitário e construção de vínculos afetivos para pessoas trans*, a literatura da Educação evidencia que os contextos escolares brasileiros são atravessados por exclusões, invisibilidades, enfrentamentos e diferentes formas de violência.

Essa tensão torna-se ainda mais significativa diante da escassez de pesquisas sobre a docência de pessoas trans* e travestis na educação musical, pois está inerentemente interseccionada por questões advindas da literatura da Educação e da Música. Foi a partir dessas considerações e das lacunas evidenciadas pela literatura revisada que o objetivo geral da pesquisa, apresentado na introdução, foi desdobrado nas seguintes questões de pesquisa:

1) Quais caminhos docentes trans* e travestis percorreram para se inserir na docência de música? 2) Como docentes de música trans* e travestis negociam com a cisheteronormatividade em seus contextos de formação e/ou atuação profissional? 3) Quais estratégias de regulação de gênero são desenvolvidas na atuação de docentes trans* e travestis?

Referencial teórico

O estudo teve como base conceitos da *teoria queer*[5], especialmente performatividade de gênero, cisheteronormatividade, sujeição, abjeção e vidas precárias, de Judith Butler (1994, 2014, 2016, 2019a, 2019b, 2020, 2021, 2022). A teoria *queer* me auxiliou a entender como normas de gênero e sexualidade produzem a sensação de naturalidade e estabilidade das identidades.

Teóriques *queer* têm se empenhado em desvelar operações normativas do poder que (re)produzem a impressão de naturalidade e estabilidade das identidades, como a cisheteronormatividade, que destaca as normas relacionadas às designações compulsórias das identidades de gênero.

Na reiteração das normatividades cisgêneras e heterossexuais, são produzidas identidades, compreendidas como performativas, porque são repetidas ritualisticamente em meio às relações de poder. Assim, o gênero, na perspectiva butleriana, não é a expressão de uma essência interna, nem apenas um artefato de construção social, mas um efeito substancializante das repetições constitutivas do sujeito.

No entanto, a coerência esperada pela cisheteronormatividade entre sexo/gênero/desejo é rompida por humanos que não se assujeitam à norma, produzindo o humanamente inconcebível. São as normas que delimitam quais são as vidas possíveis de serem vividas. É, justamente, nesse movimento a afirmação da cisheteronormatividade e do rompimento dessa norma que se constituem, respectivamente, o sujeito e o abjeto.

[5] Queer significa, aproximadamente, algo como bicha, viado, transviado, estranho, esquisito, excêntrico. O termo tem funcionado como "uma expressão guarda-chuva que servia para acomodar todos desviantes da sexualidade 'normal': lésbicas, gays, travestis, bissexuais, transgêneros, drag-queens e kings, etc. etc." (Louro, 2007).

Assim, alinhar-se às normas de gênero e de sexualidade garante a possibilidade de reconhecimento, ao passo que estar em desconformidade com elas evidencia a viabilidade da própria vida. Então, a sujeitidade e a abjeção informam sobre a precariedade, que, por sua vez, indica a sociabilidade e a interdependência do viver.

Assim, toda vida está sujeita a violências, que podem ser confrontadas e questionadas por meio do estabelecimento de assembleias, entendidas como reuniões de pessoas que se estabelecem pelo reconhecimento da precariedade compartilhada e pela resistência à violência, que pode ocorrer de forma não violenta, reivindicando vidas vivíveis, reconhecimento, valorização e direito de existir.

Metodologia

Como estratégia metodológica para a realização da pesquisa, adotei a entrevista narrativa sob a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, conforme apresentado em trabalhos anteriores (Mota, 2023, 2024, Mota; Del-Ben, 2026). Inicialmente, localizei 20 pessoas trans* e travestis que atuavam profissionalmente com educação musical em diferentes regiões do Brasil. Após levantamento de informações sobre formação acadêmica e atuação profissional, foram convidadas seis pessoas que atendiam aos critérios da pesquisa[6].

Ao final, participaram do estudo duas professoras travestis e um professor transmasculino, que concederam um total de seis entrevistas narrativas, realizadas em ambiente virtual e registradas em áudio e vídeo. Sobre a utilização dos nomes reais das pessoas entrevistadas, por demanda delas e dele, é importante destacar que casos semelhantes apareceram na literatura (Reidel, 2013; Santos, 2017; Seffner; Reidel, 2015).

As entrevistas realizadas com o professor Cristian Enrique aconteceram às 9h da manhã dos dias 25 de março e 01 de abril de 2023. Elas foram transcritas, revisadas e analisadas com base nos princípios da Teoria Fundamentada nos Dados, conforme proposta por Kathy Charmaz (2009). O processo analítico envolveu codificação inicial, com uso do *software* MAXQDA. Foram produzidos 541 códigos iniciais, sendo 185 relacionados às entrevistas realizadas com o professor Cristian Enrique. Na codificação focalizada, gerei

[6] Identificar-se como uma pessoa trans* ou travesti, possuir título de licenciatura em música e que estivesse trabalhando com educação musical no momento das entrevistas.

códigos focais a partir da semelhança de conteúdo ou frequência de códigos iniciais de cada entrevista. Desse modo, foram gerados 74 códigos focais a partir das entrevistas narrativas do professor Cristian Enrique.

Na sequência, segui para a construção dos memorandos, nos quais busquei construir uma narrativa, a partir da relação entre os códigos focalizados de cada pessoa entrevistada. O memorando dedicado ao professor Cristian Enrique possui 22 páginas. Cada memorando foi dividido em subtítulos que agrupam códigos focalizados de cada narrativa.

Após a escrita e revisão dos memorandos, iniciei a codificação teórica, que resultou em oito categorias teóricas centrais: docência, formação, relação com a música, precariedade, queer, reconhecimento, transgeneridade e violência, que estruturaram a interpretação dos dados. Os resultados foram organizados em três eixos principais: formação musical, transição de gênero e atuação profissional. Com essa codificação teórica, defini o caminho da minha própria narrativa a partir das narrativas do professor Cristian Enrique, conforme apresento a seguir.

Resultados

Cristian Enrique identificou-se como um homem trans branco que, no momento das entrevistas, tinha 35 anos. Nascido em uma cidade no interior de Minas Gerais, ele é professor de musicalização em um conservatório. Começou a estudar música na infância, por meio do teclado e, depois, piano e violino. É licenciado em música por uma instituição de ensino superior privada e, no período de realização das entrevistas, estava cursando uma pós-graduação *lato sensu* em educação especial.

Sobre seu percurso até a licenciatura em música, Cristian contou que, como começou a estudar música desde criança, por meio do teclado e piano, “não tinha outra coisa pra [ele] fazer a não ser dar aula de música”. Ele contou que tinha o “desejo” de ser professor, mas que isso foi reprimido ao longo de sua vida, porque sua família o aconselhou a buscar um curso que “desse dinheiro”, o que foi interpretado por ele como “nada no ramo das artes”.

Ainda assim, Cristian realizou vestibulares para Artes Cênicas e para o Bacharelado em Piano, ambos em universidades públicas. Não obtendo êxito, Cristian contou que fez vestibular para *Design* de Moda em uma universidade privada, mas o curso não foi autorizado

pelo Ministério da Educação. Então, para não perder o investimento financeiro feito na matrícula, ele ingressou no curso de Administração. No entanto, lembrou: “odiava administração. Eu odiava com todas as minhas forças” e trancou o curso após quatro semestres de seu ingresso.

Tempos depois, matriculou-se na licenciatura em música, ao saber que um polo de uma instituição de ensino superior privada, na modalidade EaD, havia sido aberto em sua cidade. Durante o curso, Cristian não fazia ideia de que “era uma pessoa LGBT”, nem que “existiria um termo ‘homem trans’”, apesar de perceber-se “diferente” desde a infância.

Sobre sua transição de gênero, Cristian relatou que só lhe ocorreu em sua fase adulta, por volta dos 30 anos, quando já era professor do conservatório e após ter concluído sua graduação. Durante conversas com amigos e em sessões de terapia, começou a vislumbrar a possibilidade de transicionar o gênero.

Com a transição de gênero, Cristian passou a rememorar diferentes momentos de sua trajetória em um movimento reflexivo. Entre essas lembranças, destacou que sua primeira identificação verbalizada com o masculino ocorreu por volta dos quatro ou cinco anos de idade. Na ocasião, enquanto preenchia uma atividade da pré-escola, disse à mãe que se identificava como "masculino". Em resposta, ela o corrigiu, afirmando que ele era "feminino".

A obrigatoriedade em parecer “feminino” foi narrada em algumas outras lembranças da infância, como quando mencionou a “tropa de amigos” que brincava na rua, de “cuequinha” e ele não podia sair “assim na rua”, porque era uma “menina”. Já na adolescência, a questão de gênero o acompanhou. Cristian se recordou de uma das aulas de ciências, sobre o sistema reprodutor. Ele contou que a professora da disciplina afirmou que “no dia que [ele] menstruasse, [ele] ia virar mulher!”. Tal afirmação lhe causou desespero. Ele lembrou que entrou “em pânico, literalmente, em pânico”. Ele narrou que, a partir dessa aula,

> não teve uma noite que eu não rezava e falava assim [fecha os olhos]: “Deus, por favor, faz eu acordar menino...” Todo dia! “Faz eu acordar menino, faz eu acordar menino”. No dia que eu menstruei, foi o dia mais triste da minha vida. Aí, eu... recebi a sentença ali: “olha, tenho uma notícia ruim pra te dar: você não é menino. E além de não poder ser menina, mas agora vai ser mulher”. Não tem mais escolha, né? Foi tipo isso.

Após a menstruação, as questões de gênero foram se misturando às questões de sexualidade, porque começou a perceber que gostava de meninas. Por causa disso, a percepção sobre si mudou. Cristian, que se enxergava como "normal, como qualquer outra criança", passou a se enxergar como alguém que não era "normal" e que não era "certo ser assim". Ele indicou que, na época, não tinha "a quem recorrer".

Ao transicionar o gênero, Cristian entendeu que, ao longo de sua vida, foi se retraindo e percebeu ter tido sua "vida roubada". Assim como João W. Nery (2019, p. 227), Cristian "tinha nascido quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido".

No entanto, sua transgeneridade pode torná-lo ininteligível para algumas pessoas, o que lhe gera medo: o medo de ser tratado no "feminino", tendo sua transmasculinidade rejeitada, e o medo de sofrer violência física ou psicológica na rua, o que pode ser atribuído à transfobia.

Como começou sua atuação docente antes da transição de gênero, ele compartilhou que o tratamento que lhe era direcionado era "como uma propaganda de margarina: perfeito!". Cristian iniciou sua carreira como docente da disciplina de musicalização do conservatório, em 2015, quando se identificava como uma "mulher lésbica". Na época, ele considerava que isso não era uma "questão pro trabalho". Em seus primeiros meses como docente do conservatório, Cristian construiu seu jeito de ser professor, e isso ocorreu de forma "automática". Recordou que, quando entrou na sala de aula, pela primeira vez, "baixou o professor Cristian".

Ele rememora seu ingresso no conservatório: "fui respeitado, é... né?, enquanto meu gênero, enquanto a minha orientação sexual e tudo mais". Por isso, ao colocar-se em perspectiva, percebeu que, quando se identificava como "mulher lésbica", era "mais fácil", porque eram "mil flores". Ele disse:

> [...] eu não entrei lá me reconhecendo como pessoa trans. O meu... o tratamento que era direcionado pra mim, na época que eu me entendia apenas como mulher, comparando com hoje, eram mil flores [riso]. Era lindo! Nossa! Era como uma propaganda de margarina. Perfeito! Nossa!

No entanto, ao transicionar, começou a enfrentar “barreiras”, ocasionadas pela transfobia de colegas de trabalho e pessoas responsáveis por estudantes. Por meio dessas “barreiras”, Cristian revelou sentir-se “invalidado como ser humano”.

A hostilidade de alguns de seus colegas de profissão e a solidão que afirmou sentir, pois descobriu que não há muitas pessoas com quem poderia contar no ambiente de trabalho, fizeram com que percebesse o conservatório de forma diferente da maneira que percebia anteriormente. Cristian considerou que é um ambiente de “pressão” e “opressão”. Ele também percebe que seu trabalho parece ser vigiado e invalidado por outras pessoas e também que sua vida pessoal é mais exposta do que a das outras pessoas.

Contudo, apesar das transfobias que sofre, o professor narrou querer se tornar o “professor da aula prazerosa”, que consegue impactar positivamente no aprendizado de estudantes, e que constrói uma “aula legal” que inclua artistas LGBTQIAPN+ e músicas de matriz africana, demonstrando que sua prática pedagógica é aberta e atualizada.

Cristian também narrou preocupar-se com a “realidade” de estudantes, o que atribui à sua própria transmasculinidade. Ser um professor transmasculino foi interpretado por Cristian como uma característica que o faz estar mais atento às/aos estudantes e ter responsabilidade com seus “sonhos”.

Também por identificar-se como integrante da comunidade LGBTQIAPN+, Cristian afirmou buscar levar para as aulas músicas feitas por pessoas LGBTQIAPN+, com o objetivo de abordar questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, de forma “cuidadosa”. Ele afirmou utilizar algumas músicas que expõem algum “direito básico”, como o empoderamento feminino, e citou artistas como Ludmilla[7], Lexa[8], Glória Groove[9] e Pabllo Vittar[10].

Ele também disse responder questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, quando estudantes o questionam diretamente, mas sinalizou que procura ser “o mais

[7] Ludmilla é cantora, compositora e apresentadora carioca, negra e bissexual, outrora conhecida como MC Beyoncé.

[8] Lexa é cantora, compositora e apresentadora carioca. Suas músicas misturam funk carioca ao pop.

[9] Glória Groove é a *persona drag* de Daniel Garcia Felicione Napoleão, cantor, rapper, compositor, ator e dublador carioca e gay. As músicas de Glória Groove variam de soul, trap, R&B e funk brasileiro.

[10] Pabllo Vittar é a *persona drag* de Phabullo Rodrigues da Silva, cantor e apresentador maranhense e gay. Pabllo Vittar é considerada, junto à Glória Groove, uma das maiores *drag queens* da música brasileira e ativista em prol dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+. As músicas de Pabllo Vittar misturam pop, forró e eletrobrega.

cuidadoso possível, justamente por causa do conservadorismo dentro da escola e de alguns alunos adultos e, talvez, dos pais dos alunos". Também ressaltou que questões de gênero e sexualidade aparecem cotidianamente na sala de aula, devido a algumas "perguntas bem aleatórias", as quais busca responder.

Assim, ele afirmou que o fato de ser um homem trans e estar "dentro do meio LGBT" influenciou sua maneira de dar aulas, porque ser um professor trans o tornou uma "pessoa muito cuidadosa e observadora, tanto direta quanto indiretamente".

Por meio do carinho que estudantes têm com ele, Cristian afirmou sentir-se reconhecido na profissão docente, ainda que sofra diariamente com as transfobias de colegas. Portanto, o reconhecimento que sente está intrinsecamente ligado à forma como estudantes o tratam, uma vez que considerou não existir "reconhecimento trabalhista" da parte do estado, nem dos pares.

Ao final de nossas entrevistas, Cristian sinalizou ter boas expectativas com a nova gestão do conservatório em que trabalha, pois tem se sentido mais seguro para atuar. Nesse contexto, ele afirmou ter começado a sentir orgulho de ser professor de música, um professor transmasculino de música. Ele compartilhou um comentário que fez em uma postagem no *Instagram* da Antra declarando ser "professor transmasculino de educação musical" e que isso o fez sentir orgulho.

> Esses dias mesmo, até acho que no perfil da… da Antra, eles levantaram a questão de não terem educadores trans dentro da sala de aula, né? Não ter professora travesti, professora trans, professor transmasculino, de não ter. E aí, na hora, eu… eu ia comentar uma coisa. Acabei comentando outra. Eu senti um orgulho de ser professor trans de música! Aí, comentei lá: "professor transmasculino de educação musical aqui!" Então… me deu esse orgulho pela… Uma vez na vida, eu senti orgulho de ser trans! [riso].

Essa lembrança, narrada na entrevista, evidencia o orgulho sentido pelo professor, o que se constitui como um efeito do reconhecimento e da possibilidade de tornar sua existência inteligível no espaço escolar, apesar de frequentemente ameaçada. A docência de música de Cristian é um gesto de afirmação de si, pessoal e político, que reivindica o direito de existir, ser reconhecido e ocupar legitimamente a docência como um homem trans.

Considerações Finais

A narrativa de Cristian Enrique revela como a transmasculinidade atravessa sua docência, orientando práticas atentas às/aos estudantes e à inclusão de repertórios LGBTQIA+, indicando coerência de suas ações pedagógicas a partir de suas próprias identificações.

Apesar das transfobias que passou a experienciar no conservatório após sua transição de gênero, ele adota estratégias de resistência não violenta, promovendo debates e construindo aulas prazerosas. No entanto, essas aulas não o protegem completamente da transfobia no ambiente de trabalho e fora dele. Isso influencia no reconhecimento profissional, que pareceu não ser pleno, mas o suficiente para promover-lhe "orgulho".

Sua trajetória mostra que o reconhecimento profissional é marcado por negociações constantes com a cisheteronormatividade, indicando que para existir como docente de música, é necessário manejar, em um processo contínuo, a própria existência como sujeito, negociando com pessoas constituintes do processo educativo e com o contexto em que está inserido.

Referências

ACOSTA, Tássio. Evasão ou expulsão escolar de gays efeminados e travestis das instituições de ensino e as vidas que não podem ser vividas. *Bagoas*, v. 13, n. 20, p. 65–95, 2019.

ALEXANDRE, Bruno do Prado. *Sobre corpos que "não podem" aparecer: memórias de escola nas narrativas de pessoas travestis*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2017.

ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Pesquisa sobre violência contra travestis nas instituições de ensino do Rio de Janeiro. 2024. Disponível em: https://antrabrasil.org. Acesso em: 28 mar. 2025.

ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. Pesquisa nacional sobre o *bullying* no ambiente educacional brasileiro. Curitiba: IBDSex, 2025.

BARROS, Daniela Torres. *A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências.* 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

BARTOLOME, Sarah. Melanie's Story: A Narrative Account of a Transgender Music Educator's Journey. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, n. 207–208, p. 25–47, 2016.

BARTOLOME, Sarah; STANFORD, Melanie. "Can't I Sing with the Girls?" A Transgender Music Educator's Journey. In: TALBOT, Brent (Org.). *Marginalized voices in music education*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 2018.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara (Orgs.). *Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018.* Brasília: Distrito Drag. ANTRA; IBTE, 2019.

BRAGA, Denise. A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola. *Periferia: educação, cultura e comunicação,* v. 4, n. 1, p. 5-24, jan./jul. 2012.

BUTLER, Judith. Gender as performance – an interview with Judith Butler. *Radical Philosophy.* n. 67, p.32-39, 1994.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. Trad. Cecilia Holtemann. Rev. Richard Miskolci. *Cadernos Pagu*, n. 42, jan./jul. 2014.

BUTLER, Judith. Anseio de Reconhecimento. Trad. Jainara Gomes de Oliveira; Tarsila Chiara Santana. *Equatorial*, v. 3, n. 5, p. 185-207, 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. Trad. Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1, 2019a.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* 17ª ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* 7ª ed. Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão; Arnaldo Marques da Cunha; Rev. Téc. Marina Vargas; Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. *Os sentidos do sujeito*. Trad.Carla Rodrigues, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Kissel Goldblum, Luis Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone, Victor Galdino. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência.* 1ª ed. 2ª reimp. Trad. Andreas Lieber; Rev. Téc. Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros.* 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

CALDEIRA, Bruno. Todos nascemos sem voz e o resto é drag: subversões de gênero provocadas por performances vocais de drag queens cantoras. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 26, 2023, Ouro Preto. *Anais…* Ouro Preto: ABEM, 2023a.

CALDEIRA, Bruno. Masculinidades e feminilidades vocais e a constituição de uma estética vocal dos gêneros. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 26, 2023, Ouro Preto. *Anais…* Ouro Preto: ABEM, 2023b.

CALDEIRA, Bruno. Caminhos para uma pedagogia vocal desgenerificada. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 27, 2025, Curitiba. *Anais…* Curitiba: ABEM, 2025.

CASSIANO, Ophelia. *Guia para "Linguagem Neutra" (PT-BR)*. 2023. Disponível em: https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b. Acesso em 08 abr. 2024.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: Guia Prático para Análise Qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

D'ALESSANDRO, Luca; FALLEIROS, Manuel. Antes de sereias, éramos travestis: uma exploração em pesquisa artística sobre sonoridades e gênero. *Revista Música*, v. 25, n. 2, 2025.

DUARTE, Maria Leuça Teixeira. *Escola: lugar político da diversidade sexual e de gênero*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FERREIRA, Tarcísio. "Todo mundo que está em volta transiciona": um relato de experiência de um estudante trans de Licenciatura em Música. In: XV ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15, 2020, on-line. *Anais…* On-line: ABEM, 2020.

FRANCO, Neil. *Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado da arte. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 23, n. 2, p. 122–137, maio/ago. 2016.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. Pelo direito à voz identitária: caminhos da reconfiguração vocal da mulher trans. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 30, 2020, Manaus. *Anais…* Manaus: ANPPOM, 2020a.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. Fisiologia Vocal da Transexual. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 30, 2020, Manaus. *Anais…* Manaus: ANPPOM, 2020b.

LOPES, Fabrício Ricardo. Transgêneros: narrativas de escolarização na Amazônia. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. O estranhamento "queer". Labrys, estudos feministas, jan./ jun. 2007. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys11/libre/guacira.htm. Acesso em: 20 jan. 2021.

MATTIA, Bianca; PERGHER, Paulo Henrique. "As Bahias E a Cozinha Mineira": a construção da identidade no meio artístico musical. *Letras Escreve*, Macapá, v. 7, n. 3, 2017.

MENEZES, Valter Carlos de; CRUZ, Lucas Gabriell Fernandes. Gênero e voz na música: uma revisão sobre a pessoa transgênera e o binarismo homem-mulher na prática do canto. *Gênero e interdisciplinaridade*, v. 2, n. 6, p. 33–52, 2021.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. Construindo a si mesma como docente de música: recortes da trajetória de uma professora travesti. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 26, 2023, Ouro Preto. *Anais…* Ouro Preto: ABEM, 2023.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. *Transgeneridade e docência de música*: narrativas de pessoas trans* e travestis sobre o processo de tornar-se professor/as de música. 2024. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; DEL-BEN, Luciana. Narrativas de pessoas trans* e travestis sobre o processo de tornar-se docentes de música. Revista da ABEM, v. 34, n. 1, 2026.

MORAIS, Marina Freire Crisóstomo; SOUSA, Antonia Orlania Vieira; VIANA, Francisco Elton Freire; SILVA, Rute Bezerra da; COPAVERDE, Luiza Lobo. Desafios e estratégias na construção da voz cantada de uma mulher transgênero: um estudo de caso. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 16, 2022, Natal. *Anais...* Natal: ABEM, 2022.

MOREIRA, Larissa Ibúmi. *Vozes transcendentes: os novos gêneros na música brasileira.* São Paulo: Hoo Editora, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021

NERY, João. *Viagem solitária*: a trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade. Rio de Janeiro: Leya, 2019.

NICHOLS, Jeananne. Rie's story, Ryan's journey: Music in the life of a transgender student. *Journal of Research in Music Education*, v. 61, n. 3, p. 262-279, 2013.

NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim; ARAÚJO, Tathiane Aquino. *Registro Nacional de Mortes de Pessoas Trans no Brasil em 2024*: da Expectativa de Morte a um Olhar para a Presença Viva de Estudantes Trans na Educação Básica Brasileira. Uberlândia: Rede Nacional de Pessoas Trans – Brasil, 2025.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.* Salvador: Editora Devires, 2020.

PORTELA, Poema; FERES JÚNIOR, João. Pessoas trans nas universidades federais do Brasil. *Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa*, on-line, 24 fev. 2021. Disponível em: http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/pessoas-trans-na-universidades-federais-do-brasil/. Acesso em: 14 jun. 2022.

REIDEL, Marina. *A Pedagogia do Salto Alto: Histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira.* 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros Não-binários: Identidades, Expressões E Educação. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016.

ROCHA, Rose de Melo (Org.). *Artivismos musicais de gênero*: *bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-bináries.* Salvador: Editora Devires, 2021.

SALVADOR, Nayara Rios Cunha. Pessoas trans na educação básica no sul do estado do Rio de Janeiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. Docências Trans: entre a decência e a abjeção. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 38, 2017, São Luís. *Anais…* São Luís: ANPEd, 2017.

SANTOS, Tiago Zeferino dos. *Quando o "estranho" resolve se aproximar: a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, p. 445-464, maio/ago. 2015.

SHANE, Susan Lynn. *Queering the classroom: a study of performativity and musical engagement in high school*. 2020. Tese (Doutorado em *Musical Arts*) – College of Fine Arts, Boston University, Boston, 2020.

SILVA, Jo Muniz da; MOTA, Yanaêh Vasconcelos. “COMO UM PEIXE FORA D’ÁGUA”: Narrativas de um estudante negro e trans não-binário no curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25, 2021, on-line. *Anais…* Londrina: ABEM, 2021.

SILVEIRA, Jason. Perspectives of a Transgender Music Education Student. Journal of *Research in Music Education*, v. 66, n. 4, p. 428-448, 2018.

SMIDT, Bê Saboya de Albuquerque. Atritos e respiros: À procura de uma possível voz não-binária. *REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v.2, n. 3, p. 119-127, set. 2019.

TORRES, Marco Antonio. A transformação de professoras transexuais na escola: transfobia e solidariedade em figurações sociais contemporâneas. *Revista Cronos*, Natal, v. 11, n. 2, p. 41-61, 2010.

TORRES, Marco Antonio. *A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas.* 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. *Educação & Realidade*, v. 39, n. 1, p. 201–220, 2014.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.* 2015. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.